

# Venezuela em transe



Citando o direito internacional, líderes reprovam a ação militar norte-americana, com poucas declarações abertamente favoráveis à intervenção de Trump. Conselho de Segurança da ONU se reúne amanhã para debater a situação

# Países reagem à captura

AFP

» PALOMA OLIVETO

A maior operação militar norte-americana na América Latina desde 1989, quando os Estados Unidos invadiram o Panamá, foi recebida por líderes mundiais com uma mistura de indignação, preocupação e cautela. À exceção do presidente argentino Javier Milei, que aprovou a captura de Nicolás Maduro, governantes da América do Sul, incluindo Luiz Inácio Lula da Silva (**leia mais na página 6**) condenaram a ação.

“O governo da Colômbia rejeita a agressão contra a soberania da Venezuela e da América Latina”, escreveu no X o presidente colombiano, Gustavo Petro. “Conflitos internos entre povos são resolvidos por esses mesmos povos em paz. Esse é o princípio da autodeterminação dos povos, que constitui a base do sistema das Nações Unidas.”

A presidente mexicana, Claudia Sheinbaum, também citou a ONU. “Os membros da Organização, em suas relações internacionais, abster-se-ão da ameaça ou do uso da força contra a integridade territorial ou a independência política de qualquer Estado, ou de qualquer outra maneira incompatível com os propósitos das Nações Unidas”, afirmou, citando um trecho da Carta das Nações Unidas.

## Reunião

A ONU se manifestou em um comunicado, dizendo estar “profundamente alarmada”. “Essas ações constituem um precedente perigoso”, escreveu Stéphane Dujarric, porta-voz do secretário-geral, Antonio Guterres. “Ele está muito preocupado de que as regras do direito internacional não tenham sido respeitadas.” A pedido das delegações da Venezuela e da Colômbia, o Conselho de Segurança da ONU se reunirá amanhã. Porém, não há perspectiva de que seja aprovada uma resolução condenando a ação, uma vez que Washington tem poder de veto.

Prestes a deixar o Palácio de La Moneda, o chileno Gabriel Boric condenou as ações militares e pediu uma “saída pacífica” para a Venezuela. Citando princípios básicos do direito internacional, Boric disse, no X, que a crise venezuelana não se resolve “por meio da violência, nem da ingerência estrangeira”.

Sucessor de Boric, o presidente eleito José Antonio Kast falou de “respeito ao direito internacional” em sua declaração na rede social, mas acusou Maduro de não ser “o presidente legítimo da Venezuela” e destacou que “estruturas criminosas e terroristas operam a partir desse país”.

# Imigrantes venezuelanos comemoram queda de Maduro

A captura do presidente Nicolás Maduro em uma ação militar orquestrada pela Casa Branca foi comemorada por venezuelanos nos Estados Unidos e em países da América Latina. Na Flórida, uma multidão se reuniu para celebrar a notícia aguardada há anos por grupos contrários ao chavismo. Eufóricos, eles disseram acreditar em um futuro próspero para o país, após a prisão do líder chavista.

Em Doral, cidade vizinha de Miami onde mais de 40% dos moradores são de origem venezuelana, desde antes do amanhecer, centenas foram se reunindo em frente ao Arepazo, um restaurante popular. Muitos estavam enrolados em bandeiras da Venezuela, cantavam e se abraçavam. Entre eles, um jovem agitava um cartaz com a mensagem “Trump was right about everything (Trump tinha razão em tudo)”.

Para alguns venezuelanos da Flórida, porém, a incerteza sobre o futuro ofusca um pouco a euforia pela queda de Maduro. “Não sei o que vai acontecer. Trump



Manifestantes repudiam a prisão do líder venezuelano em Times Square em Manhattan: prefeito de Nova York criticou a intervenção

## Repercussão

### Argentina

A operação dos Estados Unidos “significa a queda do regime de um ditador que vinha fraudando as eleições (...) E isso não é bom apenas para a Venezuela, mas também para a região”, disse o presidente argentino Javier Milei.

### Alemanha

O chanceler Friedrich Merz escreveu nas redes sociais que “Maduro levou seu país à ruína” e que a intervenção dos EUA é “complexa e requer consideração cuidadosa”.

### Equador

O presidente equatoriano, Daniel Noboa, escreveu no X: “A todos os criminosos narcocochavistas chega a sua hora. A sua estrutura vai terminar de cair em todo o continente”.

### Guatemala

“Fazemos um chamado para cessar qualquer ação militar unilateral e respeitar os princípios da Carta da Organização das Nações Unidas”, escreveu o presidente da Guatemala, Bernardo Arévalo, no X.

### Irã

O país, que mantém estreitos vínculos com a nação sul-americana rica em petróleo e bombardeada por Trump no ano passado, condenou “firmemente o ataque militar americano”.

### Itália

A primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni, considerou “legítima a intervenção defensiva” dos Estados Unidos na Venezuela. Porém, disse que “a ação militar externa não é a via para pôr fim aos regimes totalitários”.

### Panamá

O presidente José Raúl Mulino manifestou seu desejo por “um processo de transição ordenado e legítimo” na Venezuela.

### Ucrânia

No X, o ministro das relações exteriores, Andrii Sybiha, disse que “a Ucrânia sempre defendeu o direito das nações de viverem livremente, livres de ditaduras, opressão e violações dos direitos humanos. O regime de Maduro violou todos esses princípios em todos os aspectos”.

## Soberania

As declarações de Macron foram bem mais tímidas do que a da líder da extrema-direita do país, Marine Le Pen. No X, ela destacou que “havia mil razões para condenar o regime de Nicolás Maduro”, mas declarou que se opõe à ação norte-americana porque “a soberania dos Estados nunca é negociável, seja qual for seu tamanho, seja qual for seu poder, seja qual for seu continente. Ela é inviolável e sagrada”.

A chefe da diplomacia da União Europeia, Kaja Kallas, disse que conversou com o secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio, e com o embaixador do bloco em Caracas. “Em todas as circunstâncias, os princípios do direito internacional e a Carta da ONU devem ser respeitados. Apelamos à moderação.” O primeiro-ministro espanhol, Pedro Sanchez, falou em “responsabilidade” e destacou que “o direito internacional e os princípios da Carta das Nações Unidas devem ser respeitados”.

Aliados comerciais da Venezuela, Rússia e China condenaram a ação militar norte-americana. Em seu canal do Telegram, o chanceler russo disse estar “extremamente alarmado”. “Os pretextos usados para justificar essas ações são insustentáveis. A Rússia reafirma sua solidariedade ao povo venezuelano”, escreveu Sergei Lavrov. Em nota, o Ministério das Relações Exteriores da China disse que ficou “profundamente chocado” com o que descreveu como um “uso flagrante da força contra um Estado soberano e uma ação contra seu presidente”.

## Adversários

Nos Estados Unidos, adversários políticos de Donald Trump atacaram a intervenção. “O ataque militar não autorizado do presidente Trump à Venezuela para prender Maduro — por mais terrível que ele seja — é um retorno repugnante a uma época em que os Estados Unidos reivindicavam o direito de dominar os assuntos políticos internos de todas as nações do Hemisfério Ocidental”, disse o senador Tim Kaine, democrata da Virgínia.

Em Nova York, onde Nicolás Maduro e a mulher dele, Cíliia Flores, deverão ficar presos, manifestantes foram às ruas para criticar a captura de Maduro. O prefeito recém-empossado Zohán Mamdani afirmou que a ação de Trump “é um ato de guerra e uma violação do direito federal e internacional”. Ao jornal *The New York Times*, o democrata afirmou ter falado com o presidente por telefone, ocasião na qual repudiou a intervenção.

AFP



O Obelisco de Buenos Aires foi o ponto de encontro para centenas de pessoas

Central. Segundo o jornal chileno *La Nación*, nas primeiras horas da manhã centenas de imigrantes venezuelanos se concentraram nas ruas, com gritos e músicas, acompanhados por painéis e vuvuzelas. Muitos chegaram a declarar sua intenção de retornar à Venezuela.

Em Lima, dezenas de venezuelanos se reuniram em frente

à embaixada do país para comemorar a deposição de Nicolás Maduro. “A ditadura caiu”, disse um jovem, acompanhado por outros compatriotas, citado pelo jornal *El Peruano*.

Já na capital mexicana, manifestantes contrários à captura de Maduro jogaram ovos na Embaixada dos Estados Unidos. “Condenamos

o bombardeio ianque e o sequestro de Maduro. Basta de agressão imperialista e pilhagem na América Latina”, declararam, citados pelo jornal *El Universal*. Enquanto marchavam ao redor da representação diplomática, gritavam: “Alerta, alerta, alerta que caminha, a espada de Bolívar pela América Latina”.